

# NOTAS PARA O ROTEIRO DE UM ROMANCE

NEF

Danilo Gomes

Faculdade de Direito — 5º ano

1) Lavinia será a moça do encontro de uma noite apenas. A de cabelos pretos. A que viaja. A que toca piano e aprende cravo (um dia tocará como a Delfosse, de quem tem todos os discos).

2) E, nos ventos do inverno, Valda. Uma lenta descoberta. A lua argentizou o mel daqueles olhos. A lua bruxa. Ou a bruxa lua.

3) Cristiano verá na sala grande da fazenda um retrato de moça e se apaixonará, porque ela se parece extremamente com Valda. Uma noite aparecerá na fazenda uma moça idêntica, com um broche antigo, o mesmo do retrato. Os mesmos cabelos de Valda, o mesmo sorriso, o jeito de contar as coisas balançando deliciosamente a cabeça. Fitam-se no fundo dos olhos. O frio no estômago. Cristiano cravará depois o olhar no broche (que mais tarde encontrará na ermida, com os dizeres de que pertenceu à moça do retrato, falecida em 1883, aos 23 anos). Três mulheres, uma só mulher: Valda, a amada, a multidimensional, a sempre lembrada. Valda, a que será nostalgia. Aquela lembrança o conduzirá às vagas estrelas da Ursa Maior.

4) Capítulo da praia. O vento incessante, o mar agitado. A noite de assombro: o encontro entre os penedos. Aparece na praia um padre escrevendo na areia com uma vara, como Anchieta refém (dos tapuias? dos tamoios? verificar). E um corsário do século XVI em busca de riquezas. Uma tribo. Caravelas. No alto, à esquerda, o forte. Troar de canhões. Aparece depois uma mocinha rumo ao arrastão, bebendo Skol em lata e ouvindo no rádio de pilha aquela música “na rua, na chuva, na fazenda ou numa casinha de sapê”... Pesadelo? Delírio? De quem? (Depois a moça no Bar Aratu).

5) Como reagiria se lhe dissesse que estou amando-a? O gosto de fruta madura que tem a paixão aos 35. A força, o sereno e consciente desespero desse amor. (Valda talvez não saiba o quanto é amada. Nem pelos apertos de mão, nem pelos beijos. Pode pensar num pequeno caso inconseqüente, numa aventura provisória, apenas isso). Se ela ao menos imaginasse a violência desse difícil amor, desse duro lavrar um campo impossível, se soubesse como cada coisa é lembrada — como aquela referência ao “famoso escudo de Vercingetórix”... (No capítulo antes do primeiro afastamento de Valda, que também se sente apaixonar e se revela na boate).

6) Os olhos mortos estão imóveis. Só os retratos ficaram. Só lembranças e ecos. O passado volta nos braços longos da chuva. Meus cabelos ainda pretos me surpreendem. Emagreci. E a insônia, a taquicardia, as olheiras, talvez uma úlcera. Vontade de partir, ser passageiro de navio, navegar no Mar da China, descobrir a cidade perdida de Mar-i-don, descansar sob os flamboyants, ouvir música de alaúdes. (Encaixar essas coisas). No trem de tua vida eu sou o passageiro que chegou atrasado, o que vai perder a viagem, o que irá apenas ver o trem partindo irremediavelmente. Ficarei com a mão estendida sobre a linha, Valda, até te transformares em pura nostalgia.

7) .....onde antigamente passava o célebre ônibus “Madeleine-Bastille” (Dr. Cesário recordando trechos da mocidade).

8) “Mas tudo isto acontece, já dizia um autor, porque temos uma estrutura neurótica milenar, masoquista, de queixas e insatisfações, onde os fatos negativos são mais valorizados que os positivos” — dirá o analista de Dardânia.

9) Todas as noites o velho Firmino entra no quarto do casal, onde a mulher, morta há 4 anos, está embalsamada. Um dia será descoberto em seu mórbido ritual, abraçado à mulher. (Não esquecer os morcegos; descrever os objetos antigos; criar o clima).

10) Há uma carta nos guardados do velho Firmino. Só Quita, a negra velha de mais de 100 anos, conhece o segredo, mas morrerá sem revelar nada. No dia em que descobrem a carta, Olfim chega. A propósito de Quita, colocar: Quita, como fazia todas as noites (só conseguia dormir umas três horas), começou a se arrastar da cama em direção ao borralho da cozinha, para a assembléia com os seus fantasmas. De suas vestes retirou, à altura dos seios totalmente ressequidos, o punhal que sua mãe lhe dera às portas da agonia e que viera de uma região esquecida da África — usava-o para cortar o fumo, que mascava, fazer desenhos no chão e retirar do borralho as brasas ainda quentes, enquanto engrolava palavras sem nexos. Os dois gatos se mantinham afastados, com medo, rosnando. Chegava à cozinha o som do velho relógio de parede. (Que papel Quita desempenhará?)

11) “Hoje estou com a morte na alma. Sabes lá o que é isso?” Cristiano gosta dessa frase de Sérgio Milliet, lembra-a sempre. Encaixar, talvez numa noite, num bar. Cristiano será guardião de segredos, andarilho de rotas de angústia, pastor de insônias, peregrino de inesquecíveis madrugadas.

12) Encontrará a cabana pelo rastro alado das borboletas amarelas. (Na alegre cena do bosque, perto da fazenda do velho Firmino).

13) A obsessão pela chuva. Freud explica? Não explica?

14) Acentuar o jeito de falar e de sorrir. De ser inteira. De embruxar com intensa suavidade. Bruxos olhos de mel

e prata. Valda: sonata de Vivaldi, adagas no silêncio, noturnidades.

15) Negócio da chuva — tirar Freud. Sem explicações. Cristiano simplesmente gosta da chuva, solidão, silêncio, alamedas, cinzentas tardes. Andar e beber sozinho. O prazer em se sentir um lobo solitário: se sente mais seguro, se sente amadurecer no silêncio, na contemplação da chuva. A chuva nele é mais dentro que fora. A de fora é mais um reflexo da chuva interior, que ora é fina, branda, quase silenciosa, ora é formidável tempestade, temporal de durar dias e dias. Cristiano, ser chuvoso. Cristiano, chuva, um dia de acalentar amáveis desejos, outro dia de inspirar noturnos terrores, luzes que de súbito se apagam, árvores que tombam, galáxias e mortes.

16) Marta, a moça que trabalha numa agência de publicidade e coleciona kitsch. Ver um papel para ela na vida de Olfim.

17) Em outubro Tiana viaja para Santa Rita. Lá saberá o caso do primo com Valda, mas nada revelará.

18) Cristiano teve um caso com uma moça chamada Glícia Brites, secretária bilíngüe, que depois se casou com o agente de uma firma de crédito, financiamento e investimentos. Em Santa Rita, é ela quem conta a Tiana o caso de Cristiano com Valda.

19) Não esquecer o capítulo em que os três sobrinhos alternam monólogos interiores, a respeito da herança do velho Firmino.

20) O velho Firmino joga baralho com João Seano. Numa tarde, lembra o episódio da cartomante Madame Judith, que conseguiu tapeá-lo, quando ainda solteiro.

21) Pio Sotero, poeta do “Quinzenário de Letras” — numa cena, no quarto, pensando: “Se esses caras soubessem que não durmo sem ler os poetas de 45 me dariam um murro na cara! Visupoemas, fenopéia de Ezra Pound, espantar pela radicali-

dade, movimentos opcinéticos, semiótica, o Mallarmé de “Coup de Dés”, problemática do contra-estilo — quanta complicação! Um dia acabo abrindo o jogo!”

22) Dr. Cesário —o vinho que sempre tomava no “Marignan” ou nos arredores do Rond Point des Champs Elysées. O encontro, no Boulevard Saint Michel, com a bailarina ruiva que se tornou sua amante. Ele estava no 3º ano de Medicina. Agora leva o neto com frequência à casa de divertimentos eletrônicos, onde há muita cor, luz, movimento e som para o garoto curtir.

23) Amâncio Queluz, político que acaba suicidando-se, em Outeiro. Frequentou o “Montanhez Danças” na década de 40. Viu Orson Welles, fumando charuto e distribuindo autógrafos. Orson Welles: “Elas são lindas e educadas”. As orquestras. As belas cortinas. A rapaziada que saía do Automóvel Club e zarpava para o “Montanhez.” Francesas e argentinas. Tango e “can-can”. Cena poderia ser em 1943.

24) Valda também gosta de música. Cenas de concertos (no Palácio das Artes?). Aproveitar: “Concerto em Sol Menor para Órgão, Orquestra de Cordas e Tímpanos”, de Poulenc; “Concerto nº 2, Opus 4, em Si Bemol Maior para Órgão e Orquestra”, de Haendel; “Sonatas para Cravo”, de Scarlatti.

25) Outros nomes: Ágata, Cora, Maria Pia, Julião, Alceu, Ava.

26) O velho Firmino gosta de charadas. Ainda manuseia o “Auxiliar de Charadista”, de José da Silva Bandeira, e o “Dicionário do Charadista”, de Sílvio Alves. Quando moço mandava colaborações para a revista “O Malho”.

27) E a carruagem onírica? E os sinos? E os guizos dos cavalos? Cena da criança com o cocheiro — será que não fica piegas?

28) Em Outeiro a neblina, os casarões coloniais, o oratório do século XVIII que Ava comprou. O roubo do oratório — teria sido o mesmo ladrão ou quadrilha que estava

roubando imagens das igrejas antigas? O fato coincide (mas nada tem a ver) com o suicídio do maquiavélico Amâncio Queluz.

29) De todas as mulheres que Cristiano de alguma forma amou, com maior ou menor intensidade, Valda é aquela que mais firmemente sobreviverá à crueldade do tempo, a todos os lances, conflitos e episódios. Ela será a menos massacrada das vítimas do esquecimento, da indiferença que os anos vão silenciosamente tecendo. Valda será infinitamente a saudade na esquina, a boca entreaberta na chuva, o campo de margaridas, a esplanada do castelo, a taça de champanhe, a palavra *tendresse*, a faiança pintada com o azul mais suave, a mais doce, a mais inesquecível lembrança.

30) Firmino também gosta de profecias. Ver aquele livro sobre Nostradamus — não esquecer Pedro II, o último Papa, Terceira Guerra Mundial na década de 80, etc. (Onde é que deixei o livro? Emprstei?)

31) “Choppskeare”, bar de estilo renascentista, inaugurado na onda do filme “Romeu e Julieta”, colorido. Ali se reúnem escritores e poetas jovens. É ali que Cornélio fica conhecendo Adriana, com quem depois se casa. É o ponto predileto de Pio Sotero e outros colaboradores do “Quinzenário de Letras”.

32) Na infância de Cristiano: a peça de circo “O Êbrio” (nome nos muros, inapagável), cigarros a granel, filmes de Roy Rogers (como é que se chamava seu cavalo branco? Tiger?) e Charles Starret, o Durango Kid, álbum de figurinhas com a Esfinge, o Colosso de Rodes, o lagarto de gargalheira, a Estação Sorocabana, o lobo da Tasmânia. Aos 16 anos, as mulheres da Rua Camargos — aquela que parecia uma bruxa. Depois do filme com B. Bardot: a mulher sentada no balcão, tomando cachaça, os receios, a escada estreita, o quarto pobre, o som da sanfona do outro lado da rua.

33) Utilizar “flashback” também com Valda?

34) E a cena da boate? É aí que Valda revela seu amor por Cristiano e fala da impossibilidade de continuarem o caso. Depois desse episódio Valda se afasta pela primeira vez. Ver como compor o quadro. Uma noite terrível.

35) Os dois dias que Cristiano e Valda passam no sítio de Julião, antes do segundo afastamento de Valda. O segundo afastamento, como o primeiro, não dura mais de um mês. A grande paixão torturante desses amantes sem redenção.

36) Uma noite de chuva muito fina, tênue cortina de mansuetude. Uma mortal melancolia, uma aguda vontade de morrer, um desejo de refúgio em quietas aldeias. Ninguém ouvirá o grito dos lábios que se separam. O vento corre sobre a Serra nesse começo de Verão. De onde vem esse silvestre perfume? Quase uma da manhã. As malas estão prontas para a viagem de Valda, que vai no avião das oito. Outro longo beijo, que é mais um morder de lábios, quase um pacto de sangue. Suas lágrimas se confundem com a chuva. Entramos no "hall" do prédio. Noite dos Amargurados. Noite dos Desconsolados. É o começo do exílio. As mãos que se afastam, se retomam e novamente se afastam. O desespero de pensar que talvez nunca mais. Uma da manhã. Transformada para sempre em nostalgia. Se o tempo parasse, se os corpos dos amantes, unidos, se eternizassem. Um desejo de quietas aldeias. Uma e cinco da manhã. Esse derradeiro olhar dentro dos olhos. E as mãos que definitivamente se apartam. E a vertigem do vazio mais profundo.